

EDITORIAL

Já algum tempo a teoria social deu conta de como as transformações sociais, provocadas para além do fim da bipolarização entre capitalismo e socialismo, ocorridas em fins dos anos 1980, tiveram repercussão sobre os movimentos sociais. O surgimento, ou fortalecimento de antigas, e novas, agendas de lutas como aquelas relacionadas ao feminismo, ao ambientalismo, as questões geracionais, religiosas, étnicas, raciais e de opção e orientação sexual repercutiram sobre as formas de manifestação da ação coletiva e sobre a própria composição deste movimento.

Nesta dinâmica, uma classificação simplista poderia identificar que na ação coletiva estaria identificação entre os antigos e novos movimentos sociais. Os primeiros, mais relacionados a lógica da abordagem classista, ou que tomam a categoria trabalho como importante ancoradouro de interpretação, congregariam o movimento operário e sindical, por exemplo. Já Os novos movimentos, embora se verifique que o termo não seja consensual, englobariam demandas de identidade, de gênero, ecológicas, pacifismo além de aspectos que, anteriormente, restringiam-se ao campo da vida privada e passam a ocupar a arena pública.

Na presente edição de nossa revista problematizamos a ação coletiva por meio de abordagens que vem traduzir um pouco deste debate. Os artigos versam desde a experiência do movimento indígena àqueles que discutem, à luz da experiência brasileira, a retomada do conceito de lutas de classe, a relação entre movimentos sociais e educação infantil e, por fim, as redes de movimentos sociais.

Justificativa para dedicar um número específico da Revista Cadernos de Ciências Sociais para esta temática se situa na contemporaneidade dos conflitos sociais que se verificam no mundo contemporâneo e, no lugar que os movimentos sociais, sobretudo, no Brasil tem assumido na constatação aos processos de exclusão social, ataques aos direitos sociais e as formas de corrupção que tem se materializado nos últimos anos.

Neste sentido, acreditamos que a revista cumpre seu papel de ser mais um

veículo de problematização e divulgação de ideias, possibilitando que diferentes perspectivas possam ser registradas de como a dar conta das multiplicidades pelas quais o fenômeno tem sido captado.

Desejamos assim, que a leitura deste número suscite críticas, questionamentos ou reafirmem posições. A todos e todas, uma excelente leitura.